



Júlia Lopes  
de Almeida



TEXTO INTEGRAL  
QUESTÕES DE  
VESTIBULAR  
COMENTADAS



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

**Texto:** Júlia Lopes de Almeida

**Revisão:** Project Nine Editorial

**Diagramação:** Project Nine Editorial

**Capa:** Ciranda Cultural

**Imagens:** Shutterstock

Complemento de leitura elaborado por Fernanda Ferreira,  
doutora pelo Programa de Estudos Linguísticos, Tradutológicos e Literários em Francês  
FFLCH – DLM – USP.

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

|           |   |
|-----------|---|
| A447f     | Almeida, Julia Lopes de   |
|           | Falência / Julia Lopes de Almeida. - 2. ed. - Jandira, SP : Principis, 2019.<br>224 p. ; 16cm x 23cm. |
|           | Inclui índice.<br>ISBN: 978-65-509-7042-0   |
|           | 1. Literatura brasileira. I. Título.  |
|           | CDD 869.8992<br>CDU 821.134.3(81)   |
| 2019-2367 |   |

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

1ª Edição em 2019

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

## SUMÁRIO

|            |     |
|------------|-----|
| I.....     | 7   |
| II.....    | 16  |
| III.....   | 28  |
| IV.....    | 46  |
| V.....     | 55  |
| VI.....    | 62  |
| VII.....   | 76  |
| VIII.....  | 81  |
| IX.....    | 88  |
| X.....     | 98  |
| XI.....    | 107 |
| XII.....   | 118 |
| XIII.....  | 126 |
| XIV.....   | 132 |
| XV.....    | 144 |
| XVI.....   | 150 |
| XVII.....  | 154 |
| XVIII..... | 162 |
| XIX.....   | 173 |
| XX.....    | 179 |
| XXI.....   | 185 |
| XXII.....  | 188 |
| XXIII..... | 195 |
| XXIV.....  | 200 |
| XXV.....   | 208 |

#### Complemento de leitura

|                          |     |
|--------------------------|-----|
| Sobre o autor.....       | 210 |
| Texto e contexto.....    | 212 |
| Tome nota.....           | 213 |
| Questões comentadas..... | 214 |

# I

O Rio de Janeiro ardia sob o sol de dezembro, que escaldava as pedras, bafejando um ar de fornalha na atmosfera. Toda a rua de S. Bento, atravancada por veículos pesadões e estrepitosos, cheirava a café cru. Era hora de trabalho.

Entre o fragor das ferragens sacudidas, o giro ameaçador das rodas e os corcovos de animais contidos por mãos brutas, o povo negrejava suando, compacto e esbaforido.

À porta do armazém de Francisco Teodoro era nesse dia grande o movimento. Um carroceiro, em pé dentro do caminhão, onde ajeitava as sacas, gritava zangado, voltando-se para o fundo negro da casa:

– Andem com isso, que às onze horas tenho de estar nas Docas!

E os carregadores vinham, sucedendo-se com uma pressa fantástica, atirar as sacas para o fundo do caminhão, levantando no baque nuvens de pó que os envolvia. Uns eram brancos, de peitos cabeludos mal cobertos pela camisa de meia enrugada de algodão sujo; outros negros, nus da cintura para cima, reluzentes de suor, com olhos esbugalhados.

Ao cheiro do café misturava-se o do suor daqueles corpos agitados, cujo sangue se via palpar nas veias entumescidas do pescoço e dos braços.

No desespero da pressa, o carroceiro soltava imprecações, aos berros, furioso contra os outros carroceiros, que passavam raspando-lhe a caixa do caminhão, todo derreado para a aniagem das sacas, respirando a poeirada que se levantava delas. Os outros respondiam com iguais impropérios, que os cocheiros dos tálburis, em esperas forçadas, ouviam rindo, mastigando o cigarro.

Os carregadores serpeavam por meio de tudo aquilo, como formigas em correição, com a cabeça vergada ao peso da saca, roçando o corpo latejante nas ancas lustrosas dos burros.

Transeuntes recolhiam-se apressados, de vez em quando, para dentro de uma ou outra porta aberta, no pavor de serem esmagados pelas rodas que invadiam as calçadas, resvalando depois com estrondo para os paralelepípedos da rua.

Aqui, ali e acolá, pretinhas velhas, com um lenço branco amarrado em forma de touca sobre a carapinha, varriam lépidas com uma vassoura de piaçava os grãos de café espalhados no chão. Com o mesmo açodamento peneiravam-nos logo em uma bacia pequena, de folha, com o fundo crivado a prego. Era o seu negócio, que aqueles dias de abundância tornavam próspero. Enriqueciam-se com os sobejos.

Assim, em toda a rua, só se viam braços a gesticular, pernas a moverem-se, vozes a confundirem-se, chocando nas pragas, rindo com o mesmo triunfo, gemendo com o mesmo esforço, em uma orquestra barulhenta e desarmônica.

A não serem as africanas do café e uma ou outra italiana que se atrevia a sair de alguma fábrica de sacos com dúzias deles à cabeça, nenhuma outra mulher pisava aquelas pedras, só afeitas ao peso bruto.

Dominava ali o trabalho viril, a força física, movida por músculos de aço e peitos decididos a ganhar duramente a vida. E esses corpos de atletas, e essas vozes que soavam alto num estridor de clarins de guerra, davam à velha rua a pulsação que o sangue vivo e moço dá a uma artéria, correndo sempre com vigor e com ímpeto.

Já de outras ruas descia aquela onda quente, arfante de trabalho, vinha da rua dos Beneditinos e vinha dos armazéns da rua Municipal, todos atulhados de café, que esvaziavam em profusão para os trapiches e as Docas, tornando-se logo a encher famintamente.

Em uma ou outra soleira de porta trabalhadores sentavam-se descansando um momento, com os cotovelos fincados nos joelhos erguidos, salivando o sarro dos cigarros, a saborear uma fumaça, olhando com indiferença para aquela multidão que passava aos trancos e barrancos, na ânsia da vida, num torvelinho de pó e gritaria.

De vez em quando, grupos de rapazinhos, na maior parte italianos, surgiram nas esquinas e percorriam todo o quarteirão, às gargalhadas, enchendo os bolsos com o café das africanas velhas, cujos guinchos de protesto se perdiam abafados pelo ruído complexo da rua.

Dentro dos armazéns a mesma lufa-lufa.

No de Francisco Teodoro não havia paragem.

O primeiro caixeiro, *Seu Joaquim*, um homem moreno, picado das bexigas, de olhos fundos e maçãs do rosto salientes, gesticulava em mangas de camisa, apressando os carregadores esbaforidos.

A porta, um capataz de tropa, mulato, furava com um furador tubular de aço e latão todas as sacas que saíam, para que se escapasse pela abertura uma mancha de grãos. Os carregadores apenas retardavam os passos nessa operação, e o café caía cantando na soleira.

Ao fundo, um rapazinho magro e amarelo, o Ribas, apontava num caderno o número de sacas que levavam, rente à escada de mão por onde os carregadores subiam para as tirar do alto das pilhas, correndo depois pelo asfalto desgastado e denegrido do solo.

Tudo era feito numa urgência, obrigada a grande movimento.

Um sopro ardente de vida, uma lufada de incêndio bafejada por cem homens arquejando ao mesmo tempo na febre da ambição, varava todo aquele extenso porão negro, sem janelas, ladeado de sacos sobrepostos e adornado nas vigas sujas do teto por infinita quantidade de teias de aranha, enredadas, como longas sanefas viscosas de crepe russo.

De vez em quando, um ruído de cascata rolava pelo interior do armazém. Era o café, que ensacavam na área do fundo, e que na queda das pás desprenhia um pó sutil e um cheiro violento.

Fora, chicotadas cortavam o ar com estalidos, e pragas rompiam alto, no som confuso, em que vozes humanas e rodas de veículos se amalgamavam com o estrupido das patas dos animais.

Alguns carregadores exaustos paravam um pouco, limpando o suor, mas corriam logo, chamados pelos olhos de *Seu Joaquim*, que ia e vinha, muito trêfego, sungando as calças que lhe escorregavam pelos quadris magros.

– Aviem-se! Aviem-se! Temos hoje muito que fazer!

Era o seu estribilho.

E havia sempre muito que fazer naquela casa, uma das mais graúdas no comércio de café. Dir-se-ia que o dinheiro aprendera sozinho o caminho dos seus cofres, correndo para eles sem interrupção.

Ao lado do armazém e comunicando com ele por uma portinha estreita, havia à esquerda o corredor e a escada, que levava ao escritório, acima, no primeiro andar.

Em uma sala ampla, quadrada, de madeiras velhas e papel barato, o Senra, guarda-livros, escrevia em pé, junto à escrivania colocada ao centro. Em outra carteira trabalhavam mais dois ajudantes, um velho, o Mota, de sorriso amável e modos submissos; e o outro, um moço bilioso de barbinhas pretas, mal plantadas em um queixo quadrado.

Nessa sala o trabalho era silencioso. As penas não paravam, mal dando tempo às mãos para folhearem os livros e as diversas papeladas. Diziam-se frases sem se levantar os olhos da escrita, e as perguntas eram apenas respondidas por monossílabos.

A um canto, sobre uma mesinha sólida, entre uma das janelas e a parede, estava a prensa de copiar; e no outro canto, em um alto banco de madeira pintada, a talha de filtro já enegrecida pelo uso. Pelas paredes, pastas de molas,

rotuladas, em filas, prenes de contas, recibos e *cartas a responder*. Ao fundo, entre a talha e o corredor da entrada, abria-se uma janela para o negrume do armazém, sob uma claraboia estreita, de pouca luz.

Era em um gabinete, ao lado, com uma janela para a rua e igual avareza de mobília, que o dono da casa escrevia a sua correspondência, bem repousado em uma larga cadeira de braços.

Ele ali estava, acabando de fechar uma carta.

Toda a sua pessoa resumava fatura e a altivez de quem sai vitorioso de teimosa luta.

Gordo, calvo, de barba grisalha rente ao rosto claro, com os olhos garços tranquilos e os dentes brancos e pequeninos, tinha um belo ar de burguês satisfeito.

Não era alto e quando andava fazia tremer a casa, tal a firmeza dos seus passos pesados.

Um ou outro empregado vinha de vez em quando fazer-lhe uma pergunta, a que ele respondia com paciência, indicando claramente as coisas, com minúcias, para evitar confusões.

Francisco Teodoro, à sua larga secretária de peroba, dava a face para o cofre de ferro, de trincos e fechaduras abertas.

Tinha ele por hábito, tornado já em cacoete, remexer com a mão curta e gorda o dinheiro e as chaves guardadas no bolso direito das calças. No começo da sua vida, dura de trabalho e de áspera economia aquilo seria feito com intenção; agora representava um ato maquinal, alheio a qualquer pensamento de avareza ou de orgulho de posse.

Depois de muitas horas de trabalho febril, sem repouso, vinha o momento de paragem, a hora do café, que um mulato moço, o Isidoro, levava primeiro ao escritório, servindo depois os empregados do armazém.

Os degraus já gastos da escada rangiam então ao peso de um comissário vizinho, o João Ramos, e do ensacador Lemos, da rua dos Beneditinos, do Negreiros, da rua das Violas, e do Inocêncio Braga, recentemente associado ao grupo. Às duas horas reuniam-se sempre ali para o cafezinho, descansando o corpo e desanuviando o espírito com palestras de seu interesse e do seu gosto.

Nesse dia tinham soado já as duas, quando os negociantes apareceram.

Francisco Teodoro levantou-se e bateu com os pés, desenrugando as calças.

– Homem! Vocês tardaram...

– Culpa do Lemos...

E depois:

– O senhor está com a casa repleta!

– Tenho exportado muito café!

– Felizardo! Aproveite a época, que não pode ser melhor!

Corria então o ano de 1891, em que o preço do café assumira proporções extraordinárias. O movimento crescia e casas pequenas galgavam aos saltos grandes posições.

– O que eu te invejo – disse o Ramos, único que ousava tratar Teodoro por tu – não é a fortuna, é a mulata que te engoma as camisas!

Os outros olharam rindo para o alvo e lustroso peitilho do dono da casa, que saboreava o café, com ar satisfeito, de pé, com o pires muito afastado do corpo, seguro na ponta dos dedos.

– Não é má essa – regougou o Lemos, o comendador Lemos, da Beneficência, franzindo o narizinho, submerso entre duas bochechas, que nem de criança.

Depois de um riso fraco e desafinado, ouviu-se a vozinha aflautada do Inocêncio, perguntando a Teodoro:

– Aqui seu vizinho Gama Torres é que fez um casão de um dia para o outro, hein?

– Homem, sempre é verdade aquilo?!

– Se é!... Tenho provas... Afinal, eu inspirei-o um pouco no negócio...

Fixaram todos a vista no Inocêncio Braga. Era um homem pequenino, magro, com uns olhinhos negros, febris e um fino bigode castanho, quase imperceptível.

– Custa-me a crer nesses milagres... – ponderou Teodoro, pousando a xícara na bandeja que o Isidoro oferecia.

– Afirmo; questão de arrojo. Presumiu alta, abarrotou o armazém e esperou a ocasião. O sogro ajudou-o, está claro...

– Não meditou nas consequências que poderiam sobrevir se desse uma baixa.

– Quem fala em baixa?! Eu só lhe digo que o comércio do Rio de Janeiro seria o melhor do mundo se tivesse muitos homens como aquele. Senhores, a audácia ajuda a fortuna. Fiquem certos que o bom negociante não é o que trabalha como um negro, e segue a rotina dos seus antepassados analfabetos. O negociante moderno age mais com o espírito do que com os braços e alarga os seus horizontes pelas conquistas nobres do pensamento e do cálculo. O Torres é de bom estofo; é destes. Conheço os homens.

Olhavam todos para o Inocêncio com um certo respeito, reconhecendo-lhe superioridade intelectual.

– O Gama Torres teve dedo, teve – sentenciou o Lemos.

E logo o Inocêncio acrescentou:

– Também aquele está destinado a ser o nosso Rottschild!

Teodoro contraiu as sobrancelhas. Ser o primeiro negociante, o mais hábil, o mais forte fora sempre o seu sonho...

Voltando-se, inquiriu dos outros explicações miúdas acerca daquele negócio fabuloso. O tempo favorecia as especulações, e ele meditava no assunto, alisando a barba grisalha, rente às faces gordas e macias.

O Negreiros, tendo dado volta à sala e enfiado pela porta do escritório o seu enorme nariz de cavalete, virou-se para os outros e disse a meia-voz:

– Que diabo! Não posso acostumar-me a ver aquele velho como ajudante de guarda-livros!

– Que quer você? – murmurou Teodoro. – O Matos empenhou. Se por ele e afinal a aquisição foi boa. Precisa mais do que os moços, e como dá boa conta do recado não penso em substituí-lo. É assíduo.

– Outro esquisitão que você tem cá em casa é lá embaixo o Joaquim... Ninguém dirá que é o mesmo, lá fora...

– Muito carnavalesco e metido com as damas, hein? Que se divirta, aqui trabalha como nenhum. É uma praça de arromba: descansa-me.

– Ouvi dizer que ele vai casar com a Delfina do Recreio...

– Histórias! O rapaz é sério.

– Tolo é que ele não é – resmungou o Negreiros, procurando o chapéu.

O Inocêncio despediu-se também; ia num pulo ao Torres. Os afazeres eram tantos, que mal lhe davam tempo para engolir o café.

Quando ele saiu, olharam uns para os outros interrogativamente. O comendador Lemos sentenciou:

– Este Inocêncio é espertalhão! Está aqui, está diretor do banco. Não duvido que o Torres tivesse sido empurrado por ele... Tem uma lábia!

– E sabe encostar-se a boas árvores. O Barros tem-lhe dado boas comissões e não é à toa que ele procura tanto agora o Torres... Mete-se sempre na melhor roda... Aquele não veio de Portugal como nós, sem bagagem e cheirando a pau de pinheiro; trouxe luvas e meias de seda... O patife!

– São os que naufragam...

– Quando não vêm à caça e não têm o jeitinho que este revela. Canta que nem um pássaro, para atrair a gente!

– E uma inteligência superior! – suspirou o Ramos, esticando com ambas as mãos o colete sobre a barriga arredondada. Depois, refestelando-se no sofazinho austríaco, teve uma ponta de censura para as coisas desta terra: o governo era fraco, o povo indisciplinado, a cidade infecta.

Inda nessa manhã, vendo marchar um pelotão de soldados, sem cadência nem ritmo, lembrara-se da maneira por que os soldados da sua pátria andavam pelas ruas. As fardas eram mais bonitas, os metais mais polidos, os passos iguaizinhos, um, dois, um dois; fazia gosto. E assim, em tudo mais aqui, o mesmo relaxamento.

A maldita República acabaria de escangalhar o resto. Veriam.

Só no fim perguntaram pelas famílias.

– A propósito – perguntou o Ramos a Teodoro – aquela menina que vai tocar violino no concerto dos pobres é sua filha?

– Que concerto?

– De amanhã, no Cassino. Foi a minha madama que leu isso num jornal...

– Pode ser... são coisas lá da mãe... a pequena tem um talentão; o próprio mestre espanta-se.

– E bonita! Vi-a um destes dias – observou o Lemos.

– Não, isso não! Por enquanto ainda não se pode comparar com a mãe... – protestou Francisco Teodoro, com sinceridade e um certo orgulho.

Os outros sorriram.

– Lá isso, você tem um pancadão. Feliz em tudo, este diabo!

Houve uma pausa.

– Realmente – insistiu Francisco Teodoro, o Gama Torres deu um cheque valente. Pois olhem, eu não dava nada por ele: um brasileiro magro...

– E começou outro dia!

– De mais a mais, parecia acanhado... tímido...

– Qual! Isso não! Conheci-o caixeiro, ali do Leite Bastos. Foi sempre um atirado; ali está a prova: fez um casão de um dia para o outro. Dou razão ao Inocêncio; aquele está talhado para ser o nosso Rottschild...

– Vejam lá – rosou o Lemos com a papada trêmula e um brilho de cobiça nos olhinhos pardos – eu quis fazer o mesmo negócio e lá o meu sócio é medroso e: tá, tá, tá, é melhor esperar... Está aí!

– Fez bem, foi prudente! Deixem lá falar o Inocêncio. Senhores, o comércio do Rio de Janeiro é honesto e não se tem dado mal com o seu sistema – observou Teodoro.

– Sim, o Inocêncio aprecia isto de fora, por isso diz o contrário. Chama o comércio do Rio de Janeiro de ignorante e de porco.

– Porco?! – bradaram os outros, indignados.

– Porco – confirmou o Ramos com solenidade.

– Tudo mais aceito, o porco é que não engulo – observou do seu canto o Lemos, o anafado.

Ramos sentiu saltar-lhe na língua esta resposta: “Porque os animais da mesma espécie não se devoram entre si”. Ele confessava-se seduzido pelas exposições de Inocêncio. Que talento!

– Mas, afinal de contas, que quer o Inocêncio?! – perguntou Teodoro de pé, cruzando os braços sobre o fustão alvo do colete.

– Queria... pensava encontrar aqui uma praça mais desenvolvida, maiores transações, casas de mais vulto. Diz que não temos sabido aproveitar as aragens. Que só trabalhamos com o corpo. Não o ouviu?

– Com que diabo queria ele que trabalhássemos?

– Com a inteligência. Está claro. E ele explicou a coisa bem. O nosso comércio é formado por gente sem escola, vinda de arraiais... Eu, por mim, confesso, mal tive uns meses magros de colégio! Apanhei muito e não aprendi nada.

Houve um curto silêncio, em que passou pelos olhos de todos a saudosa visão de uma escola rudimentar, em um recanto plácido de aldeia.

Depois de um suspiro, Teodoro concluiu:

– Que venham para cá os doutores com teorias e modernismos, e veremos o tombo que isto leva!

Entreolharam-se. A verdade é que tinham todos eles um soberano desprezo pelas classes intelectuais. Daí um sorrisinho de expressiva intenção.

Mais um pouco de palestra sobre câmbio, transações da bolsa e assuntos lidos no *Jornal do Comércio* do dia encheram um quarto de hora, que passou depressa. Por fim saíram, falando alto, dizendo que aquela casa cheirava a dinheiro.

Francisco Teodoro foi dar o seu giro pelo armazém. Vendo-o embaixo, *Seu* Joaquim acudiu logo, limpando com a língua o bigode molhado de café, a dar informações.

– Estamos esperando o café do Simas.

O caminhão já está aí perto, mas ficou entalado entre os carroções do Gama Torres. Tem sido um despropósito o café que aquele armazém tem engolido.

– Já sei disso... bem. Mandou as contas para cima?

O outro disfarçou um movimento de enfado e mal respondeu:

– Sim, senhor; depois gritou para o fundo:

– *Seu* Ribas!

O Ribas cruzou-se com Francisco Teodoro, que seguiu até a área, a ver ensacar o café.

A gente do armazém tinha quizília à do escritório: fazia valer os seus serviços, deprimindo os alheios. *Seu* Joaquim considerava-se o melhor empregado da casa e gostava de mostrar as suas exigências. Os caixeiros temiam-no; mas o pessoal de cima tratava-o com certa sobrançeria, que ele não perdoava.

O velho Mota, ajudante de guarda-livros, ainda era o único que lhe dispensava amabilidades e cortesias; mas, mesmo nisso, *Seu* Joaquim lia uma adulação. Com certeza o velho só pensava em impingir-lhe a filha, que mirrava os seus trinta anos em um sobradinho da rua Funda.

Francisco Teodoro demorou-se um bocado na área vendo ensacar. Passou-lhe pela lembrança o tempo dos escravos, quando esse trabalho era

exclusivamente feito pelos negros de nação, com a sua cantilena triste, de africanos. Era mais bonito.

As pás iam e vinham cantando, num compasso bem ritmado, sempre seguido da voz: eh, eh! Eh, eh! E agora mal se via um preto nesse serviço! E ainda acham que as coisas se alteram devagar!

Rolavam pelo chão grãos de café, como contas de cimento, e na atmosfera carregada mal se podia respirar. Francisco Teodoro voltou. O caminhão estava já à porta e os carregadores andavam nas suas corridas afanosas. Ia subir, quando foi abordado por um dono de trapiche, o Neves, que, vendo-o da rua, entrou para lhe pedir a freguesia, acrescentando para o estimular:

– Agora mesmo venho ali do seu vizinho, o Gama Torres, que me tem mandado lá para o trapiche um número assombroso de sacas!

O movimento do armazém interrompia-os de instante a instante. Francisco Teodoro mal respondia, com as ideias desviadas para outro sentido.

Pensava no Gama Torres, de quem toda a gente lhe falava com elogio e pasmo. Aquele está destinado a ser o primeiro homem da praça, dissera-lhe o Inocêncio, e o Inocêncio era homem de bom faro e de êxito seguro em todas as suas previsões... Mas esse papel, de financeiro e negociante forte entre os mais fortes, fora o ideal de toda a sua longa vida de trabalhos, de sujeições e de amarguras! Seria justo que o outro, de um pulo, erigisse edifício mais alto e glorioso do que o seu, cimentado com lágrimas, com sacrifícios, com tantos anos de esforço e de labor?

Francisco Teodoro despediu-se do Neves sem o animar, apertando-lhe a mão frouxamente, e subiu para o escritório. Na escada encontrou o mulato, o Isidoro, com uma vassoura na mão.

– Cuidado!... Não me tirem as teias de aranha do armazém...

– Não, senhor! Eu bem sei que aquilo dá felicidade...

Francisco Teodoro deteve-se um momento no escritório e entrou depois para o seu gabinete.

Fora, o sol avermelhava as fachadas feias e desiguais das casas fronteiras. Velhas paredes repintadas, outras com falhas de calça, guardavam os seus segredos e as suas fortunas. Um hálito ardente de verão bafejava toda a rua febril.

Os armazéns, pelas bocas negras das suas portas escancaradas, vomitavam ainda sacas e sacas de café, que as locomotoras e as carroças levavam com fragor de rodas e cascalhar de ferragens para os lados da Prainha e da Saúde, levantando do solo esmagado camadas de pó, que espalhavam no ar cintilação de ouro.

## II

Em caminho de casa, Francisco Teodoro, recostado em um bonde, persistia em querer ler um jornal da tarde, sentindo que as ideias lhe fugiam para um curso perigoso.

O êxito do Torres quizilava-o. Parecia-lhe que o outro lhe taparia o caminho, impedindo-o de chegar ao seu último ponto de mira. Galgava-lhe de assalto a dianteira, para se quedar sempre na sua frente, como um obstáculo.

Aquela conquista de fortuna, feita de relance, perturbava-o, desmerecia o brilho das suas riquezas, ajuntadas dia a dia na canseira do trabalho. A vida tem ironias: teria ele sido um tolo?

Talvez, e para se certificar reviu a sua vida no Rio, desde simples caixeiro, quase analfabeto, com a cabeça raspada, a jaqueta russa e os sapatões barulhentos. Tinha ainda fresco na memória o dia do desembarque – estava um calor! – e de como depois rolara aos pontapés, malvestido, mal alimentado, com saudades da broa negra, das sovas da mãe e das caçadas aos grilos pelas charnecas do seu lugar.

Pouco a pouco outros grilos cantaram aos seus ouvidos de ambicioso. O som do dinheiro é música; viera para o ganhar, atirou-se ao seu destino, tolerando todas as opressões, dobrando-se a todas as exigências brutais, numa resignação de cachorro.

Assim correram anos, dormindo em esteiras infectas, molhando de lágrimas o travesseiro sem fronha, até que o seu mealheiro se foi enchendo, enchendo avaramente.

Aquela infância de degredo era agora o seu triunfo. Vinha de longe a sua paixão pelo dinheiro; levado por ela, não conhecera outra na mocidade. Todo o seu tempo, toda a sua vida tinham sido consagrados ao negócio. O negócio era o seu sonho de noite, a sua esperança de dia, o ideal a que atirava a sua alma de adolescente e de moço.

Não podia explicar, como, só pelo atrito com pessoas mais cultivadas, ele fora perdendo, aos poucos, a grossa ignorância de que viera adornado. A letra

desenvolveu-se, tornou-se firme, e a sua tendência para contas fez prodígios, aguçada com o sentido na verificação de lucros. Relendo cifras, escrevendo cartas, formulando projetos, e observando atentamente o seu trabalho e o alheio, tornara-se um negociante conhecedor do que tinha sob as mãos, e um homem limpo, a quem a sociedade recebia bem.

Não pudera ser menino, não soubera ser moço, dera-se todo à deusa da fortuna, sem perceber que lhe sacrificava a melhor parte da vida. Para ele, o Brasil era o balcão, era o armazém atulhado, onde o esforço de cada indivíduo tem o seu prêmio.

Fora do comércio não havia nada que lhe merecesse o desvio de um olhar... Tempos de amargura e de esperança, aqueles!

Relembrando o passado, Francisco Teodoro procurava em si mesmo elementos com que pudesse bater influências e opor-se às especulações de afogado; devia encontrá-los espalhados pelos dias ásperos da incerteza e os macios da prosperidade.

Esta retrospectiva agradou-lhe; fixou vários períodos.

O tempo em que morara em um sobradinho do beco de Bragança, sombreado pelo beiral muito estendido do telhado coberto de ervagem e pela sacada de rótula de um verde sujo.

Embaixo e defronte, caixoteiros martelavam em tábuas de pinho, cujo cheiro dava ao beco imundo uma baforada fresca de floresta. E as marteladas que lhe importavam, se poucas horas estava em casa! De dia o trabalho; de noite o teatro ou a casa da Sidônia. Que seria feito da Sidônia? Devia estar por aí em qualquer canto... e velha.

Aos domingos na chácara do Matos, o solo, os jantares à portuguesa, e a hospitalidade paciente da boa d. Vica... Tudo lhe girava na memória, suavemente, suavemente.

Fora no conforto daquela chácara, vendo-se cercado de considerações, ao lado do amigo respousado e feliz, que ele sentiu a sua importância e se lembrou que deveria haver na terra outras delícias; mas o seu coração, cansado de uma luta formidável, negava-lhe novas inclinações. A pátria esquecida não lhe acenava com o mínimo encanto: a mãe morrera, a sua única irmã tinha-se recolhido a um convento. Fechara-se uma porta sobre a sua meninice.

Sentia-se só; começava a cansar-se e a enjoar as mulheres fáceis, com quem convivia em relações momentâneas. Mesmo a Sidônia enervava-o com os seus arrufos... e as suas denguiças.

Atirou-se a proteger as instituições do seu país, a andar com medalhões e fazer mordomias na Beneficência. No fundo, não era só a distração que ele

buscava, nem a caridade que ele exercia; uma outra causa lhe filtrava na alma aquela vocação para o benefício...

E a comenda chegou.

Foi só depois de comendador que Teodoro se sentiu vexado daquela habitação e se mudou para um segundo andar da rua da Candelária, que mobiliou a vinhático, com exuberância de cromos pelas paredes. Achou, ainda assim, que à sua casa alegre faltava qualquer coisa...

Viera-lhe a dispepsia. Que insônias!

Um médico, consultado, aconselhara-lhe uma viagem a terra ou o casamento, para a regularização de hábitos. Ele achara cedo para a viagem: solidificaria primeiro a fortuna. A ideia do casamento parecia-lhe mais salvadora.

Para que lhe serviria o que juntara, se o não compartilhasse com uma esposa dedicada e meia dúzia de filhos que lhe herdassem virtudes e haveres?

No seu sonho começou a esboçar-se a ideia de um herdeiro. Teria um rapaz, que usasse o seu nome, seguisse as suas tradições e fosse, sobretudo, um continuador daquela casa da rua de S. Bento, que engrandeceria com o seu prestígio, a sua mocidade, bem assente no apoio e na experiência paterna. O filho seria a sua estátua viva, nele reviveria, mais perfeito e melhor. Esse ao menos teria infância, seria instruído.

E tanto aquela ideia o perseguia, que num domingo de sol abriu-se ao Matos, que acolheu com ar solene e discreto as confidências do amigo.

Lembrava-se muito bem da cara com que o outro lhe respondera:

– Sei o que você quer. Tivemos aqui na vizinhança uma família que está mesmo ao pintar... Gente pobre, mas de educação. A filha mais velha é a que lhe convém. Bonita e grave. Muito digna.

Francisco Teodoro murmurou:

– Pois uma mulher assim é que me servia.

– O diabo é que elas vão de mudança para Sergipe...

Então acabou-se.

– Não se acabou tal. Por enquanto estão hospedadas em casa de umas tias, no Castelo. Ainda é tempo de lá irmos fazer uma visita... O resto fica por minha conta.

Foi por uma noite escura que ele, já mais por condescendência que por curiosidade, entrou com o Matos na casa das senhoras Rodrigues, no morro do Castelo.

Fazia frio; na rua um cão uivava longa, doloridamente.

Quem abriu a porta foi a mais velha das donas da casa, d. Itelvina, senhora alta e seca, muito nariguda, vestida de lãs pardas. Os outros ainda se

cumprimentavam e já ela se sentava, erguendo o joelho agudo sob a costura. Não tinha tempo a perder.

A outra senhora da casa andava por fora; Teodoro conhecera-a depois. Essa era toda confiante e muito religiosa. Tinha ido à novena do Carmo com as duas sobrinhas mais moças e o irmão, o velho Rodrigues.

Em uma sala vasta, quase nua, mal clareada por um lampião de querosene, viu Teodoro, pela primeira vez, d. Emília, uma senhora bonita, de ar majestoso e olhos trêfegos, e as suas duas filhas mais velhas – Camila e Sofia.

Camila fazia crochê perto do lampião; Sofia refugiara-se para um canto do canapé, queixando-se da cabeça. E a mãe começou a falar com ar de sinceridade, muito demonstrativa. A cada instante o nome de Camila saía-lhe da boca com um elogio. Era a filha mais velha e a mais instruída: pilhara os tempos das vacas gordas, quando o pai exercia um cargo lucrativo.

Os dedos de Camila apressavam-se no crochê; com certeza ela havia de ter errado os pontos e sentido os olhares de Teodoro queimarem-lhe a pele, que a tinha linda, de uma alvura azul de camélia.

D. Emília asseverava que a sua *Mila*, como a chamavam em casa, esquecia-se das suas prendas, obrigadas pela necessidade a fazer serviços domésticos.

Francisco Teodoro comoveu-se com a ideia de que aquela mulher, talhada para rainha, passasse os dias a picar os dedos na agulha ou a calejar as mãos com o uso da vassoura ou do ferro.

Trabalhar! Trabalhar é bom para os homens, de pele endurecida e alma feita de coragem. Olhou para a moça com veneração.

Era bonita, alta, com grandes olhos aveludados, cabelo ondedado preto e uns dentes perfeitos, muito brancos, mas que ela mostrava pouco, sorrindo apenas. Da irmã Sofia, na sombra, mal se adivinhavam as feições.

A uma das frases, em que a abundância do amor materno lhe debuxava as perfeições, Camila saiu de ao pé da luz e foi para a janela olhar para o escuro.

Como correu depressa aquela noite!

Francisco Teodoro saiu tonto. O amigo ria-se: não lhe tinha dito? Gabava-se de ser casamenteiro, levaria em breve tudo ao fim.

E dias depois o Matos pedia a mão de Camila para o amigo.

Começou então a série de presentes e de visitas. Mila tinha sempre o mesmo embaraço e a mesma brandura de sorriso.

O que ela ouvia da família, não o podia adivinhar Francisco Teodoro, que a sentia umas vezes reservada, outras vezes confiante.

Adiou-se a partida para Sergipe; houve doenças em casa, prolongação do noivado, peregrinações de Teodoro por aquele morro do Castelo, com raminhos de violetas para a Mila; todas as doçuras de namorado...

Casaram-se em um dia lindo.

Ele dera grandes esmolas aos pobres da igreja; Mila parecia um anjo entre nuvens brancas...

Depois a família partiu para Sergipe. O pai era chocho, mas levava a carteira gorda. A mãe, com o seu modo de rainha destronada, e as irmãs iam bem enroupadas e todas tranquilas sobre o futuro de Mila e do filho mais velho, o Joca, por quem Teodoro prometera olhar, e que andava por aí, à toa.

A sua maior comoção fora ao entrar em casa, na rua da Candelária. Supusera sempre que ela apalpassse, com sofreguidão, todo o seu ninho, na alegria de ser a dona, a senhora de tantas coisas compradas para o agasalho do seu amor. Mas não: em vez de ir para o interior, Camila fora para a sacada. Ele acompanhou-a.

Em frente, os telhados mais baixos sucediam-se irregulares, cortando-se em linhas angulosas de um vermelho sujo; as casas, desiguais, acumulavam-se, paredes ameaçando paredes, janelinhas de sótãos espiando as telhas estriadas de limo, de onde emergiam chaminés negras e curtas, baforando fumo.

Camila murmurava, como quem fala só:

– Se ao menos se visse o mar...

Disse; e curvava-se para a rua quando a badalada de um sino reboou perto, formidável, prolongando-se num som que era como um gemido da cidade inteira. Mila ergueu-se com um estremeção e voltou para o perfil da igreja o olhar estático.

Ele sorria do susto, enquanto ela dizia:

– Como é alto!

Depois desse, vieram dias tranquilos. A mulher bordava almofadas para o sofá e emoldurava os cromos com musgo e flores secas.

Tinham-se acostumado um ao outro, viviam em paz, quando a Sidônia reapareceu na vida de Teodoro, obrigando-o a desvios e infidelidades. Nem a pobre Camila desconfiara nunca... Também, nada lhe tinha faltado e já devia ser um regalo para ela cobrir de boas roupas o seu corpo de neve, ter mesa farta, e andar pela cidade atraindo as vistas, no deleite da sua graça...

Então iam grandes remessas para Sergipe.

Um sorvedouro, aquela família, sempre exalando lamúrias em todas as cartas, na sede insaciável de dinheiro.

Por esse tempo o seu grande desgosto era o cunhado, o Joca, que se lhe metia em casa, com os seus maus costumes de vadio. Ele fora o causador de tantíssimas querelas! E agressivo na sua indolência, mal-humorado pelas dívidas do jogo, e ingrato! Má raça. Além do mais, pespegara-lhe depois com a filha em casa, aquela pobre Nina, tão enfezada nos seus primeiros tempos, fina

como um caniço, e com uma tosse de cão, que repercutia pelos corredores. Enfim, essa, ao menos, servira depois para ajudar Camila a criar as filhas, que o Mário, esse já ela o encontrara forte como um herói!

O Mário...

No percurso da Carioca à praia de Botafogo, Teodoro foi assim reconstruindo a sua vida, solidificando-a, pondo-a de pé. Era com essas memórias de família e de trabalho que ele se entrincheiraria contra os assaltos das novas ambições.

O mar, muito azul, paletado de ouro aqui, desenhava já acolá em grandes sombras negras o perfil dos morros. Uma aragem forte sacudia as árvores, e folhas vinham redemoinhando no ar em voos tontos. Uns pequenos atiravam um cão da Terra Nova à água, e as janelas dos palacetes mal se abriam aos esplendores de fora.

Perto do colégio, subiram para o bonde duas irmãs de caridade, com ramalhetes de rosas. Teodoro conhecia-as, eram professoras da filha, e distinguiam-no sempre, por sabê-lo religioso. Iam levar à ermida da Copacabana aquelas flores, prometidas pela salvação de uma aluna, que estivera às portas da morte.

Uma conversa simples, em dois minutos, foi como bálsamo para o espírito fatigado do negociante.

Demais, ele achou bonito, comovedor aquilo: uma criança às portas da morte, duas religiosas, um ramo de flores e a visão de uma ermida sobre o mar...

Quando Francisco Teodoro chegou à casa, as suas filhas gêmeas, Raquel e Lia, brincavam na chácara. Ao vê-lo abrir o portão, as crianças atiraram-se para ele, que mal lhes passou os dedos pelos cabelos; elas também pouco se detiveram e Teodoro atravessou o jardim.

O seu palacete era um dos mais lindos de Botafogo. No centro de um parque, ele erguia os seus balcões por entre palmas estreladas de coqueiros e copas de árvores bem escolhidas. Aquilo não fora obra sua; tinha comprado a vivenda a um titular de gosto, cuja ruína o obrigara a hipotecá-la quando a construção ia em meio e a vendê-la logo depois de concluída.

À esquerda, uma escada de pedra, ladeada por uma grade florida, conduzia ao terraço alpendrado do andar superior, onde muitas vezes a família palestrava, à espera de descer para o jantar. Nessa tarde só estava ali o filho mais velho, o Mário, todo derreado numa cadeira de balanço. O pai foi andando, e ele mal esboçou um movimento para levantar-se e dar-lhe as boas tardes.

Era já homem, muito moço ainda, e todo ele revelava preocupações de luxo e cuidado da sua pessoa.

Na sala da frente falava-se com alegria.

“Temos visitas”, pensou Teodoro, vendo chapéus de homem no cabide da saleta.

Quando ele entrou na sala, a mulher dizia à filha:

– Vai ensaiar, Ruth!

A seu lado, sentado no mesmo divã, o dr. Gervásio Gomes desenhava a lápis na carteira qualquer coisa que a fazia sorrir. Ele gabava-se de ter jeito para a caricatura. Era um homem magro, nervoso, de quarenta e três anos, trigueiro, e apurado na *toilette*. Era ligeiramente calvo, tinha um olhar de que as lentes de míope não atenuavam a agudeza, e um sorrizinho irônico, que lhe mostrava os dentes claros e miúdos como os dos roedores.

Camila guardava um viço prodigioso de mocidade. Todo o Rio a apontava como mulher formosa. Tinha herdado da mãe aquele ar de majestade, que tanto impressionara Teodoro na primeira entrevista do Castelo, adoçado por uma grande expressão de calma e de bondade.

Francisco Teodoro foi direito a eles e cumprimentou-os, sem se atrever a roçar os lábios na face da mulher, com todo o escrupuloso pudor das suas ações em família. Sentava-se já, quando ela lhe disse com leve censura:

– Você não cumprimenta o capitão Rino nem o maestro?

Os outros estavam ao canto da sala, junto ao piano para onde Ruth se dirigia com o violino na mão. Pedidas as desculpas, Teodoro voltou-se para o capitão Rino:

– Muito me alegro de o ver aqui, capitão; quando chegou da sua viagem?

– Ontem.

– Você não imagina – interrompeu Camila –, o capitão trouxe-me um presente lindíssimo!

– Que foi? – perguntou a meia-voz o dr. Gervásio.

Francisco Teodoro enxugava com o lenço a calva rosada e luz dia. Mila, voltando-se para o médico, explicou:

– Uma coleção de orquídeas do Amazonas; e prometeu mandar vir para o lago uma *Vitória Régia*.

O doutor murmurou por entredentes, em tom que só Camila pudesse ouvir:

– Isso de prometer é que não é bonito...

A moça relanceou-lhe um olhar, como a pedir misericórdia para o outro, que palestrava agora com o dono da casa.

– Não era bonito, por quê?!

O capitão Rino destacava-se entre todos na sala pelo seu tipo de louro e pela robustez do seu corpo. Era alto, de ombros largos. Tinha as mãos grandes, os olhos claros, de um azul de faiança, o bigode sedoso, como

que acabado de nascer, e a pele queimada pelos ventos do mar. Só se lhe percebia a alvura da tez nos pulsos ou na raiz do pescoço, quando ele atirava a cabeça e os braços nos seus gestos largos e desajeitados. Havia qualquer coisa de infantil naquele homem grande, uma interrogação tímida talvez no olhar, e um certo abandono, de pessoa pouco afeita à sociedade. Vestia-se mal, usava gravatas de cores vistosas, abusando do xadrez nos seus casacos de casimira malfeitos.

Ruth pôs-se em atitude; a mãe gritou-lhe:

– Imagina que estás diante do auditório!

Ela pareceu não a ouvir. Em pé, ao lado do piano, alta e espigada, com a cabeça unida ao seu ombro estreito de menina, os cabelos negros caindo-lhe em ondas sobre o pescoço moreno, os olhos de um verde límpido, de água-marinha, abertos para o vácuo, tinha um ar de sonâmbula perdida em sonhos divinos. As mãos, longas e esguias, moviam-se com segurança; o vestido branco, salpicado de florinhas amarelas, mostrava-lhe um pouco das pernas finas, calçadas a preto.

O Lélío Braga, recém-chegado da Alemanha, o gordo maestro que só falava de música ou de jogo, atacou o teclado vigorosamente. Fez-se o silêncio em volta, mas por pouco tempo. Recomeçaram as conversas em tom mais baixo. Ruth não ouvia ninguém; um brilho quente de sol saía-lhe dos olhos verdes, voltados para a luz.

Só o capitão Rino parecia escutar a música, olhando de esguelha para Camila. Abominava a confiança que ela dava ao outro, ao magro dr. Gervásio, ali tão agarrado às suas saias, dizendo-lhe coisas que a faziam sorrir. Tudo naquele homem o irritava: o seu luxo, o seu tipo escanifrado e o seu ar de ironia, às vezes perversa, outras insulsa.

Francisco Teodoro, nunca interessado por coisas de arte, nem mesmo pela música, quebrava amiúde as reflexões do capitão Rino, interrogando-o sobre assuntos do Norte, de puro interesse comercial.

Ainda vibrava no ar a última nota do violino, quando Nina, sobrinha dos donos da casa, entrou na sala, com o seu modo simples que a tornava simpática a toda a gente. Não era bonita: tinha o nariz grosso e alguns sinais alourados na pele pálida.

– Você viu as parasitas? – perguntou-lhe Camila.

– Sim; e, voltando-se para o capitão:

– Devemos conservá-las ao ar livre ou na estufa?

O capitão fez um gesto de ignorância.

Só à hora do jantar, Mário se reuniu à família. A mesa, cheia de cristais e de prataria, tinha um aspecto festivo.

O dinheiro ganho à custa de trabalho gosta de impor-se à admiração alheia. O dono da casa, refrescado no paletó de brim, não se cansava de elogiar os seus vinhos e aludia amiúde à excelência do cozinheiro.

Se alguém se esquivava a um copo de Bordeaux ou a um cálice de velho Madeira, ele acudia animadoramente:

– Beba, que esse é legítimo; igual não se encontra com facilidade por aí.

Havia sempre excesso de iguarias; voltavam para dentro pratos complicados intactos. A fartura passava ao desperdício. A copa atulhava-se de peças grandes, em que as folhas de alface e os desenhos a rodas de limão, de ovo, azeitonas e gelatina não disfarçavam a opulência das carnes.

À cabeceira da mesa, Francisco Teodoro gostava de, espalhando a vista por toda a longa superfície branca da toalha, vê-la bem coberta de coisas caras e vistosas. Assim comia com apetite, gostosamente. Era o seu triunfo na vida, que todo esse luxo representava, na única ocasião em que lhe sobrava tempo para admirá-lo.

Os convivas eram instados para que comessem mais, comessem sempre! Com o dr. Gervásio havia menos instâncias: conheciam-lhe os hábitos de homem delicado. O capitão Rino era muito mais moço e trazia da sua vida de mar valentias de estômago.

As crianças comiam à mesa, dirigidas por Nina, e faziam algazarra e exigências.

Mário reprendia-as, achando intolerável que o pai consentisse aquilo!

– O nome do seu vapor é...? – perguntou ao capitão o dr. Gervásio, ajeitando a luneta no nariz.

– Netuno.

– Amado de Anfitrite e das nereidas. O patrono deve pôr-lhe em perigo o sossego...

– Por quê?

– Porque assim moço, bonito, e com tal sugestão, de forte envergadura precisa o senhor para resistir as seduções das sereias...

– Que ninguém viu nunca em mares brasileiros – respondeu o capitão ingenuamente.

– Convirá não afirmar que não as haja também em terras do Brasil, sublimou o doutor com um sorrizinho, descendo o olhar para a pera que descascava.

Riram-se do embaraço do capitão, que murmurou, desviando a vista de Camila:

– Os cantos das sereias não me seduziriam...

– Pois é pena; sem imaginação a vida do mar não pode ter encantos. Se eu, em vez de médico, obrigado a deter-me com o que há de mais prosaico na

natureza fosse... o capitão do navio... perdão, do vapor *Netuno*, apegar-me-ia à mitologia, faria dos seus deuses a minha florida e alegre religião, e afirmo que seriam de gozo para mim as noitadas no convés, vendo ao clarão das estrelas Vênus surgir das espumas e boiarem à tona da onda negra os dorsos brancos das cinquenta filhas de Nereu. Estou certo de que não sentiria a tal melancolia das águas, de que às vezes os senhores se queixam. Um homem de espírito nunca está só...

O capitão sorriu e Francisco Teodoro falou com o seu modo sentencioso:

– Eles gozam a seu modo.

– Não gozamos, não; a vida do mar é dura. O dr. Gervásio não pode sentir com sinceridade o que disse...

– Assevero-lhe que sim, capitão; e que parti de um princípio de que parto para todos os atos da vida, convicto de que está no próprio homem o remédio dos grandes males que o afligem.

– Se vai dizer isso ao pé dos seus doentes, ninguém mais o chamará – replicou Camila.

– Chamarão; infelizmente chamam sempre. Ninguém tem absoluta confiança em si. O homem, por mais que digam, ignora a força de que vem revestido para a sua função. Para nós, a natureza representa apenas o papel secundário da paisagem; é o acessório, a *mise-en-scène* da vida, em que nos atormentamos mutuamente num alarido de inferno: não valia a pena criar coisas tão bonitas para serem tão mal aproveitadas. Palavra de honra! Se fosse possível conceber o riso, ou apenas o sorriso na face tremenda do Onipotente, eu diria que Ele às vezes escarnece de nós. À sua saúde, capitão!

– Obrigado...

– Um dia meto-me no seu *Netuno* e atiro-me para o Norte. Curiosidade, simplesmente; tenho mais vontade de ver os crocodilos do Amazonas do que... eu sei lá, as bailarinas da Grande Ópera.

– Homem, dizem que a carne do crocodilo é boa – disse Francisco Teodoro.

– Há também quem afirme que a das bailarinas ainda é melhor! – observou o médico.

Camila riu-se; e depois:

– E eu que nunca vi um grande vapor por dentro!

– Quer ir comigo a Manaus?

– Não; mas quero que o capitão Rino nos convide para visitar o *Netuno*.

O moço marítimo balbuciou, corando:

– Oh! Minha senhora...

Interrompeu a frase, porque ia dizer: – Eu não desejo outra coisa! Mas achou mais acertado e mais simples acrescentar somente: – Quando quiser.

– Será num domingo, para que meu marido vá também. E as crianças poderão ir?

– Por que não?

Lia e Rachel bateram palmas.

Ao café, no terraço, Camila declarou preparar um grande baile para o S. João, quando Ruth completasse os seus quinze anos.

O dr. Gervásio protestou: que viesse o baile, mas com outro pretexto.

– Por quê?

– Porque a noitada de S. João mete medo às casacas e assusta os decotes. É um santo que só quer luz de fogueiras, com altas labaredas e crepitações, e ainda há de ser no campo, entre gente rude que dance em torno às chamas.

É uma festa que me dá ideia de uma cerimônia ritual, de povo primitivo. Deixe o seu baile para outro dia.

– Mas depois eu não terei pretexto...

– Meu Deus! Não é preciso descer uma pessoa a dar explicações aos amigos, quando se trata de os divertir...

Francisco Teodoro ouvia o dr. Gervásio com muito acatamento, reconhecendo-lhe superioridade intelectual.

Devia-lhe a vida dos filhos, confessava, e dessa dívida não se cansava de se dizer devedor.

Aprovou a ideia do baile, fizessem o que quisessem, a bolsa estava aberta. E a propósito, deixando os outros a tagarelar no terraço, ele fechou os olhos e pensou na felicidade do Gama Torres... Quem sabe?... Talvez que ele pudesse fazer o mesmo; a época era favorável, o café rendia como nunca e ainda havia esperanças de alta... Se fugisse aquela ocasião... perderia o ensejo de triplicar de um dia para o outro a sua já grande fortuna... Fora sempre um homem de ação, de recursos, como ficar na retaguarda, imbecilmente, deixando que a outro, novato, se conferisse o título de Rottschild brasileiro? O ciúme do seu nome de negociante enchia-o até aos olhos. Encadeou e desencadeou pensamentos calculistas.

Ter a maior fortuna, tendo partido do nada, era toda a sua ambição. Repetia a qualquer a humildade da sua origem, espreitando o efeito dessa confissão. Ser o mais poderoso, o mais rico, o mais forte, tendo partido do nada, não seria ter alcançado a suprema glória na terra?

E, ali mesmo, bem recostado na sua cadeira de balanço, com o papo cheio de ótimas iguarias, as mãos descansadas nos braços da cadeira, ele insensivelmente passou do sonho ao sono.

Na meia sombra do lusco-fusco, os olhos do capitão Rino fulguravam, espiando com raiva os rostos do médico e de Camila, que se contemplavam. Mário atravessou o terraço de charuto na boca, em direção à rua.

– Onde vais? – perguntou-lhe a mãe.

– Ao teatro – respondeu ele sem se deter, descendo a escada.

– Este rapaz... este rapaz... – resmungou por entredentes o dr. Gervásio, em modo de censura.

Camila desculpou-o; o filho tinha gênio e era muito independente. Não queria contrariá-lo; para quê? A vida é curta, cedo viriam as amofinações. O juízo havia de vir com a idade...

Embaixo, no jardim, entre os grupos rescendentes de heliotropo e de jasmims do Cabo, as crianças e Ruth faziam roda à Noca, mulata antiga na família, que lhes contava histórias de fadas e de príncipes encantados. Vendo Mário dirigir-se para o portão, a mulata chamou-o com familiaridade de amiga velha:

– *Seu* Mário, escuta aqui!

– Que é, Noca?

– Onde é que vai?

– Se eu não morrer pelo caminho, hei de chegar ao teatro.

– Não morre; eu ainda esta noite sonhei que v. estava amortalhado e que d. Nina chorava sangue... Sonhar com morte é sinal de saúde. Traga umas balas para mim.

– Vá esperando.

O capitão Rino despediu-se e desceu também para a rua, ouvindo a voz da Noca recomeçar numa melopeia:

“Minha varinha de condão, pelo poder que Deus vos deu, fazei...”

Nina, encostada à grade, via Mário afastar-se; e lá em cima, no terraço, ao lado do marido adormecido, Camila curvou-se para o dr. Gervásio e beijou-o na boca.

## III

Com preguiça de ir visitar as velhas tias do Castelo, Camila mandava às vezes as filhas pequenas abraçá-las em seu nome, em companhia da Noca. As senhoras Rodrigues moravam ainda na mesma casa, do alto do morro, muito antiga, com janelas de guilhotina e paredes encardidas. D. Itelvina raramente punha os pés na rua, e era tida como a criatura mais sovina do bairro. A outra, d. Joana, pouco parava ali, sempre voltada para Deus. Era viúva de um colchoeiro rico, morto de anasarca, de quem sofrera os maus-tratos que, na inconsciência das bebedeiras, ele lhe ministrava.

Viviam as duas, desde crianças, na mesma casa, herança dos pais, conservando os seus hábitos de vida mesquinha, amando ideais diversos: uma concentrando-se, outra expandindo-se, consistindo para uma todo o prazer da vida em aferrolhar, esconder bens que as mãos apalpam, e para a outra só em querer bens dos céu, com que a alma sonha.

Nada sorria naquela habitação árida e velha. No quintal, nem um canteiro de flores; uma horta raquílica a um canto, algumas laranjeiras e um coradouro de grama pisada e sem viço, estendendo-se ao lado de um tanque de cimento, coberto por um telheiro de zinco. Dentro, o mesmo desconforto: salas com poucos móveis e esses antiquíssimos, alcovas vazias e uma cozinha de tijolos desgastados pelas pancadas do machado na lenha.

D. Itelvina percebia bem que para conservação daquela casa deveria fazer-lhe grandes consertos; mas queria obter da irmã que os fizesse todos por sua conta, o que lhe parecia mais justo.

A irmã é que não olhava para os buracos dos ratos e pouco lhe importava isso, desde que a sua Senhora do Carmo e o Santo Cristo do seu oratório estivessem alumiados, a sua alma em graça, e que ela pudesse fazer todas as semanas as suas confissões aos frades capuchinhos. Esta era, para tudo mais, uma senhora apática, gorda, de uma brancura anêmica, com uns olhos castanhos muito doces e um cabelo grisalho, curto, que ela cobria com uma touca preta de folhos encrespados. A saia, redonda e muito franzida, mostrava-lhe

os pés largos calçados em duraque, e nas mãos finas e cor de leite tinha, ora o livro de orações, de folhas já denegridas nos ângulos, ora um rosário de âmbar benzido pelo bispo.

D. Itelvina não parecia crente. Ninguém a vira nunca de joelhos em frente ao oratório da irmã. Nenhum traço comum lembraria a outrem o parentesco entre ambas. Esta era alta, morena, de nariz forte e lábios finos.

A voz de d. Joana tinha inflexões brandas, de alma tranquila; a voz de d. Itelvina tinha sibilacões desafinadas, rouquejava ou tinia, como se saísse de órgãos de bronze. Nem as duas sabiam se se amavam.

Os bons-dias e as boas-noites eram trocados sem o beijo que confraterniza as almas. Toleravam-se, talvez, apenas; apoiavam-se mutuamente, guiadas pelo hábito.

Quando Noca bateu à porta, ouviu gritos dentro: e calculou logo que haviam de ser da Sancha, a negrinha órfã que d. Itelvina explorava nos arranjos da casa.

Abriu-se uma janela com bulha impaciente e apareceu a cara de d. Itelvina, indagando de quem batia.

– Ah!... é você, Noca! Espera um pouco, eu já vou.

Dentro, a mulata explicou:

– Nhá Mila mandou fazer uma visita e saber das senhoras como estão... ela não pôde vir, porque...

– Já sei. Isto é muito alto... se fossem as escadas do Lírico, muito que bem!... casa de pobres...

– Não, senhora! Não é por isso, nem as senhoras são pobres! Até dizem todos o contrário...

– Dizem? Mentiras! Mentiras só... Como vai seu Teodoro?

– Muito bem.

– Excelente homem; aquilo é que foi sorte grande hein, Noca?

– Foi, sim, senhora; ele é bom... tem as suas impertinências... mas a gente já sabe que é do gênio...

– Qual o quê! Mila deve adorar o marido de joelhos! Neste tempo já não é fácil uma moça pobre e sem proteção encontrar um casamento assim!

– Isso é verdade... Ela também é muito boa.

– Você se lembra de quando eles moravam na Lapa, que até você levava as vezes comida da casa de pasto para dar às meninas?

A mulata sorriu com ar contrafeito e modesto, lembrando-se que não fora da Lapa que ela levava os restos dos jantares da casa de pasto do amigo, mas que subira muitas vezes a ladeira do Castelo, com a trouxinha das carnes na mão, para matar a fome de Mila e das irmãs, então hospedadas em casa de d. Itelvina.